

Diário de Porto Alegre:
apontamentos históricos sobre o primeiro jornal do Rio Grande do Sul¹

STRELOW, Aline (Doutora)²
GRUSZYNSKI, Ana (Doutora)³
HOHLFELDT, Antonio (Doutor)⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)/ Rio Grande do Sul

Resumo: O trabalho traça um breve panorama histórico do periódico *Diário de Porto Alegre* – primeiro jornal a circular no Rio Grande do Sul (1827) –, identificando e analisando os principais elementos que compõem as edições do periódico. Adota como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a documental e a análise de conteúdo. A avaliação evidencia o perfil oficial do jornal, com uma variedade de textos relacionados ao governo e aos conflitos bélicos da época reunidos na seção *Declaraçoens*, além do cotidiano da sociedade escravagista em anúncios diversos. Trata-se de um primeiro exercício de aproximação com um dos objetos de pesquisa que fazem parte do projeto *Primórdios da Comunicação no Rio Grande do Sul*, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS.

Palavras-chave: Diário de Porto Alegre; História da Comunicação; História do Jornalismo no Rio Grande do Sul.

O dia 1º de junho de 1827 marcou o nascimento da imprensa no Rio Grande do Sul, com o lançamento do *Diário de Porto Alegre* (Fig. 1), primeiro jornal da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Composto e impresso na Tipografia Rio-Grandense, trazia,

¹ Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do VII Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul, 2018.

² Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou pós-doutorado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS. Editora da Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM). E-mail: alinestrelow@terra.com.br.

³ Professora Associada da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. É líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Edição, Cultura & Design (LEAD). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou pós-doutorado no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É bolsista produtividade nível 2 do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). E-mail: anagru@gmail.com.

⁴ Professor Titular do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design da PUCRS; pesquisador do CNPq; Pós-doutorado pela Universidade Fernando Pessoa, do Porto-Portugal. Coordena grupo de pesquisa sobre História da Imprensa luso-brasileira na FAMECOS. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Co-autor, dentre outras obras, de **Teorias da comunicação: Conceitos, escolas e tendências** (Vozes, 2001, em 15ª edição, 3ª reimpressão). E-mail: a_hohlfeldt@yahoo.com.br.

entre outros textos, atos e comunicados oficiais do governo provincial – o periódico surgiu, aliás, sob a proteção do presidente da Província, Salvador José Maciel (VIANNA, 1977, p. 17).



Figura 1: Capa do *Diário de Porto Alegre* do dia 03 de julho de 1827. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Desde o final do século XIX, estudiosos têm se dedicado a pesquisar este jornal, com maior ou menor profundidade, de acordo com seus objetivos de investigação. Certo é que o *Diário de Porto Alegre* é sempre citado nos trabalhos voltados à gênese da imprensa no Rio Grande do Sul, embora nenhum deles tenha realizado uma análise focada em seus textos. Neste artigo, que consiste em um primeiro exercício de aproximação com esse objeto de



7° ALCAR SUL_2018

7° Encontro Regional Sul de História da Mídia

pesquisa, que integra o projeto *Primórdios da Comunicação no Rio Grande do Sul*⁵, traça-se um breve panorama histórico do periódico com base na pesquisa bibliográfica e na documental. Identifica-se e sistematiza-se as características materiais e dados de 34 edições que circularam nos anos de 1827 e 1828, utilizando-se da análise de conteúdo para avaliar a organização de seus textos ao longo das edições. Os exemplares foram consultados no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.⁶

A instalação da tipografia na Província de São Pedro

De acordo com Rüdiger (1985, p. 116 e 117), o primeiro projeto para a instalação de uma tipografia na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul data de 1821⁷ – sua efetivação, no entanto, ainda é matéria não decidida. Neste ano, o brigadeiro português João Carlos Saldanha e Daun, então presidente da Província, fez uma subscrição entre os comerciantes locais para a aquisição de material tipográfico no Rio de Janeiro. A carga teria chegado pelo bergantim Reino Unido, de acordo com fatura de 04 de agosto de 1822, quando o brigadeiro se preparava para deixar a província e partir para o Rio de Janeiro, onde seria preso (RIBEIRO, 2012, p. 67). O projeto de instalação da imprensa precisaria esperar.

Em 1826, chegava a Porto Alegre o tenente-general Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, nomeado chefe das forças imperiais em ação no Rio Grande do Sul contra a República das Províncias Unidas do Rio da Prata. Ao deixar o Rio de Janeiro com destino ao Sul, como lembra Ericksen (1940, p. 8), Brant solicitara ao então ministro da Guerra que fosse enviada para a Província uma tipografia de campanha. “A solicitação foi atendida prontamente, sabendo-se que a tipografia em apreço teria vindo com os transportes de guerra de D. Pedro na sua viagem ao Sul”, salienta o autor (1940, p. 8).

⁵ O projeto é desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS) e conta com a participação de pesquisadores da instituição e de outras universidades do estado.

⁶ O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) é uma instituição privada sem fins lucrativos, fundada em 1920. Está localizado na Rua Riachuelo, 1317, em Porto Alegre (RS). Site: <http://www.ihgrgs.org.br/>.

⁷ É importante mencionar que, em 1698, teria existido uma fundição de ferro nas Missões – no início do século XVIII, ela estaria em pleno funcionamento. Era utilizada para impressão de obras religiosas em língua guarani. Eram atividades secretas dos jesuítas que tiveram de cessar em 1727, logo que as autoridades dela tomaram conhecimento (ERICKSEN, 1977, p. 17).

7º ALCAR SUL_2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

Este prelo chegou no dia 23 de janeiro de 1827. Sabe-se que foram impressos nessa tipografia pelo menos dois boletins e uma proclamação – o primeiro com data de 5 de fevereiro de 1827, no acampamento das margens do arroio das Palmas; o segundo e a terceira com a mesma data (17 de fevereiro de 1827), no Quartel General de São Gabriel – todos os documentos traziam a inscrição: Tipografia Imperial do Exército (REVERBEL, 1996). No entanto, durante a Batalha de Passo do Rosário (Ituzaingó, para os platinos), na Guerra Cisplatina, o exército argentino teria apreendido material bélico e também os restos de *uma imprensa*, que seria, provavelmente, esta tipografia, tornando frágil a hipótese de que com seus materiais tivesse sido impresso o *Diário de Porto Alegre* (ERICKSEN, 1977, p. 9).



Figura 2: Detalhe do *Diário de Porto Alegre* do dia 31 de julho de 1827 onde se informa sobre a Batalha de Ituzaingó.

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Embora haja dúvidas a respeito de qual tipografia teria dado origem à imprensa no estado, prevalece a versão de Ericksen (1977), de que a Tipografia Rio-Grandense, onde era composto e impresso o *Diário de Porto Alegre*, fora criada com aqueles materiais tipográficos que chegaram a Porto Alegre em 1822, no bergantim Reino Unido. “O que causa espécie, contudo, é o fato de, somente quase após cinco anos da chegada do material tipográfico, ter saído em Porto Alegre o primeiro periódico. A que atribuir esse hiato? Conveniências de natureza política ou econômica ou efeito da censura ou interesse dos governadores?”, questiona (ERICKSEN, 1977, p. 18), lembrando que não há documentos que apontem para respostas a essas questões.

Baumgarten (1982, p. 13) caracteriza o Rio Grande do Sul dos séculos XVIII e XIX como um verdadeiro acampamento militar. O estado permanente de guerra, somado à atividade campeira, contribuiu para a caracterização do gaúcho, mas também para o pequeno desenvolvimento cultural que o estado apresentava até então. O crescimento e a importância econômica do estado eram ainda acompanhados por um *vazio* no que dizia respeito à ilustração: “Para uma população avaliada em pouco mais de 106 mil almas no ano de 1823 [em toda a Província], as escolas eram praticamente nenhuma”, descreve Cesar (1971, p. 68).



Figura 3: Aquarela do pintor francês Jean-Baptiste Debret intitulada Paranaaguá. Porém, o título seria um equívoco do autor e a paisagem seria de Porto Alegre, no ano de 1827. No canto esquerdo, estaria o Caminho Novo (atual Rua Voluntários da Pátria). Disponível em <https://bit.ly/2QYPNnp>.

Já a Porto Alegre da década de 1820 (Fig. 3), que se inicia com 12 mil habitantes, começa a assentar-se como núcleo mais estruturado do que o dos anos do início de sua ocupação e fixação no território – é o momento em que se consolidam suas características de entreposto comercial e porto de escoamento da produção regional com o estabelecimento das colônias de imigrantes alemães, vindos a partir de 1824 (MELLO, 2010, p. 45). A condição de cidade foi alcançada em 1822.

Não havia clubes para receber a sociedade local, como lembra Macedo (1999, p. 47-48) – os encontros e festas eram feitos em residências de pessoas abastadas, que reuniam amigos periodicamente e realizavam saraus musicais. A agitação intelectual, no entanto, não demoraria a acontecer – antes ainda do início da *Revolução Farroupilha*, em 1835, circularam jornais que atuaram como seus precursores, defendendo, em lados opostos da trincheira, as ideias que dariam corpo ao conflito. A vibração política era seguida de perto por preocupações de ordem literária em pelo menos seis centros principais – Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Caçapava, Rio Pardo e Alegrete (CESAR, 1971, p. 70).



Primeira fase da imprensa no Rio Grande do Sul

Consideramos a *pré-história* da imprensa sul-rio-grandense a partir de 1827, data em que – graças a um decreto de Dom Pedro I extinguindo a censura – surgiu boa parte da imprensa das províncias, inclusive a do Rio Grande do Sul, com o *Diário de Porto Alegre* (SODRÉ, 1977; VIANNA, 1977). Essa primeira fase se caracteriza pela efemeridade, pela generalizada falta de qualidade das publicações [com exceções, é claro], e pela relação de propriedade/editoria de seus responsáveis, ou seja, o *publicista* é o proprietário de um prelo e de uma coleção de tipos e divulga, em última análise, as suas próprias ideias.

Essa fase se caracteriza por publicações precárias e pouco qualificadas, desenvolvendo-se até 1835, quando explode a *Revolução Farroupilha*. A gênese da imprensa no Rio Grande do Sul está ligada, assim, ao processo político que desembocaria nessa revolução, como explica Rüdiger (2003, p. 18): “No final dos anos 20, a economia pastoril entrou em relativa estagnação, que teve ressonância no plano político. Na conjuntura, saltou à vista da classe dominante local (estancieiros e charqueadores) sua subordinação política ao centro de poder do Rio de Janeiro”. A sociedade gaúcha, segundo o autor, havia atingido um grau de desenvolvimento econômico, político e social considerável – as condições de civilização estava começando a aparecer e se organizar um público letrado que precisava ser contemplado, especialmente para fazer frente à circulação de boatos e informações contraditórias que punham em perigo o próprio exercício do governo.

Surgiria, em seguida, uma imprensa revolucionária, compreendendo um período anterior à *Revolução Farroupilha*, entre 1830, mais ou menos, quando se radicalizam os sentimentos revolucionários, e 1845, quando a totalidade dos jornais publicados segue uma orientação determinada, a favor ou contra os rebeldes. Terminado o conflito, organiza-se uma imprensa partidária ou panfletária *civil*, que vai de 1850 até 1900, pelo menos, quando os proprietários e editores de periódicos se alinham obrigatoriamente a algum dos partidos políticos existentes, já que, sem tal vínculo, era quase impossível a sobrevivência financeira. Contudo, essa imprensa já não é mais exclusivamente partidária. É de se lembrar que, até então, inexistia a publicidade paga, capaz de sustentar uma publicação; essa fase começa a ser quebrada com o surgimento do *Correio do Povo*, em 1895, mas, especialmente, com o cansaço e o desgaste que os partidos políticos sofreram depois da Revolução de 1893.

Verifica-se, portanto que esse período apresenta *nuanças* que podem ser assim caracterizadas: (1) uma imprensa pasquineira, entre 1827 e 1835, marcada pela coincidência entre impressores gráficos, proprietários de imprensa e redatores de publicações que são mais panfletos que jornais, propriamente ditos; (2) uma imprensa revolucionária, que mescla notícias da nova república e artigos de fundo de caráter pedagógico e propagandístico; e (3) uma imprensa partidária mais moderna, marcada talvez pelas influências do liberalismo, que se preocupa e disputa a opinião pública.

Diário de Porto Alegre: sede e profissionais

Durante o governo de Salvador José Maciel seria lançado, então, o primeiro jornal da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Para alguns, tratava-se de um jornal oficial – Vianna destaca que por cima do cabeçalho, marcando de forma clara sua condição, vinha estampada a coroa imperial (1977, p. 18). No entanto, embora em suas páginas tenham sido publicados vários ofícios, atos e comunicados do governo provincial, Ericksen (1977, p. 20) sustenta que o *Diário de Porto Alegre* não era um “órgão oficial do governo ou de qualquer corrente dominante de opinião no momento em que surgiu e assim permaneceu durante sua efêmera existência” – o jornal deixou de circular um ano após o seu lançamento, em 1828.

Outro aspecto controverso está relacionado à sede do jornal, ou melhor, ao local onde se achava instalada a Tipografia Rio-Grandense (Fig. 4). Alguns historiadores afirmam que a mesma foi montada em uma sala do Palácio do Governo, mas também é presente a versão de que estava localizada na antiga Rua da Igreja, nº 113, hoje Rua Duque de Caxias (VIANNA, 1977, p. 20). Seus números avulsos eram vendidos a 40 réis na loja de José Justiniano de Azevedo, na Rua da Praia, nº 85 (BARRETO, 1986, p. 23).

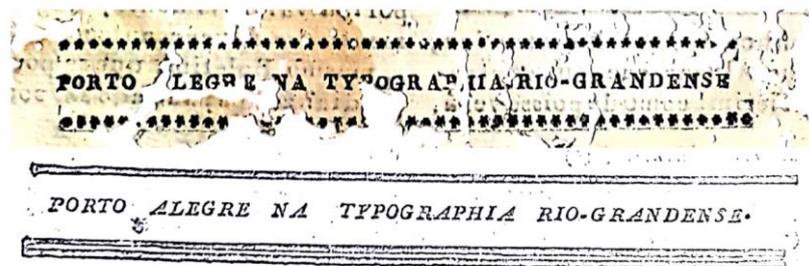


Figura 4: Exemplos de assinatura da Typographia Rio-Grandense no rodapé de edições do *Diário de Porto Alegre* em 1827 e 1828.



7º ALCAR SUL 2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

O jornal circulava diariamente em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, com exceção de domingos e feriados. A composição e a impressão do *Diário de Porto Alegre* couberam, e sobre isso não há dúvida, aos exilados franceses Claude Dubreuil e Estivalet, que, durante a Guerra Cisplatina, desertaram das tropas do general Carlos Maia Alvear, foram levados presos para o Rio de Janeiro e de lá regressaram a Porto Alegre, já contratados para a impressão do periódico (REVERBEL, 1996). Contribuiu intelectualmente para o jornal Lourenço de Castro Júnior, que durante muito tempo foi citado como redator do jornal, embora o mais provável é que essa atividade tenha sido exercida por João Inácio da Cunha, que era também o administrador da folha, e por Vicente Ferreira Gomes, conhecido como *Carona* (VIANNA, 1977, p. 20).

Na Guerra Cisplatina, Dubreuil e Estivalet atuaram como tipógrafo e impressor de boletins, respectivamente (RIBEIRO, 2012, p. 68). De acordo com Reverbel, (1996, p. 24), teriam sido eles os responsáveis pelos materiais impressos pela Tipografia Imperial do Exército, sob o comando do Marquês de Barbacena, antes da Batalha do Passo do Rosário. Após fixarem residência em Porto Alegre, desempenharam papel importante nos primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul (VIANNA, 1977, p. 20).

Como sublinha Reverbel (1996), a vinda desses franceses contribuiu para o estabelecimento da imprensa na então Província sulina. Após o término do *Diário de Porto Alegre*, Dubreuil, que tinha 22 anos à época, permaneceu na cidade e se transformou num dos principais construtores da imprensa e do próprio jornalismo no Rio Grande do Sul, tendo participado, individualmente ou em grupo, em mais de vinte iniciativas na área gráfica e jornalística: “Chegou apenas como impressor, mas não tardou a desdobrar as suas atividades, em moldes correspondentes ao que atualmente se entende por empresário”, sublinha Reverbel (1996, p. 29).

Barreto (1986, p. 15) salienta o “exemplo inveterado de amor às lides jornalísticas” dado por Dubreuil, cujas atividades como editor de vários órgãos, publicados muitas vezes simultaneamente, lhe custaram insultos, detenções, atentados e a até a deportação para fora da Província ou do país, “sem que isso arrefecesse seu entusiasmo por elas ou o fizesse desistir de voltar novamente à carga no mesmo tom e na primeira oportunidade que se lhe reabrisse”.

A respeito de Estivalet, as obras sobre a história da imprensa no Rio Grande do Sul apontam sua contribuição à área circunscrita ao *Diário de Porto Alegre* e sequer mencionam



7º ALCAR SUL 2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

seu primeiro nome, tido como desconhecido. Tudo leva a crer, no entanto, que se trata de Claude Joseph Stivalet, que aportuguesou seu nome para Cláudio José Estivalet e, após participar dessa experiência pioneira, mudou-se para o interior do Rio Grande do Sul, sendo um dos primeiros povoadores da Freguesia de São Francisco de Assis (HAIGERT, 1999, p. 95). De acordo com Haigert (1999, p. 97), “no ano de 1829, os criadores do *Diário de Porto Alegre* desentenderam-se com o governo e Claude Joseph Stivalet migrou para o interior, para comerciar em São Francisco de Assis”.

Sobre o primeiro redator do jornal, João Inácio da Cunha, pouco se sabe. Há menções a Visconde de Alcântara, que tinha o mesmo nome, mas dificilmente tratava-se da mesma pessoa – no período em que circulou o *Diário de Porto Alegre*, Visconde de Alcântara ocupava o cargo de Regedor na Casa da Suplicação da Bahia (PARANHOS, s. d.). Como já dito, o português Lourenço de Castro Junior, major comandante da companhia dos Henriques (força regular dos negros livres da cidade), aparece muitas vezes como redator e administrador do jornal, mas trata-se, segundo Ericksen (1977), de um equívoco. De qualquer modo, era Castro Junior o diretor da Tipografia Rio-grandense, o que justifica as tantas menções a seu nome e a sua influência na trajetória do periódico que lá era composto e impresso.

João Inácio da Cunha teria sido substituído na redação do jornal por Vicente Ferreira Gomes, que era amigo de Salvador José Maciel. Gomes tinha 22 anos à época e, além de jornalista, foi escriturário da contadoria da Junta da Fazenda, juiz municipal e advogado em Porto Alegre, deputado e, em 1836, chefe de polícia (MARTINS, 1978). Em 1828, ano em que deixou de circular o *Diário de Porto Alegre*, Gomes lançou o *Constitucional Rio-grandense* – para alguns pesquisadores (REVERBEL, 1968), o primeiro marcaria o nascimento da *imprensa* no Rio Grande do Sul e o segundo, do *jornalismo*, com o espaço para o debate de ideias que praticamente não estava presente no *Diário*. Neste mesmo ano, o jornalista integrou-se ao grupo *Sociedade do Teatrinho*, em peças nas quais “brilhavam muitos jovens porto-alegrenses”, como salienta Damasceno Ferreira (1956, p. 11).

Diário de Porto Alegre: forma e conteúdo

O periódico consistia em apenas duas páginas (uma folha, frente e verso), de 30 cm de altura por 18 cm de largura. Abaixo do cabeçalho, trazia o santo dia: “A citação do

7° ALCAR SUL_2018

7° Encontro Regional Sul de História da Mídia

onomástico em quase todas as edições do *Diário* é um sinal da influência da Igreja e do respeito aos leitores praticantes da religião católica”, explica Ribeiro (2012, p. 70). Destaca-se ainda que, em algumas edições, o fôlio trazia menção às fases da lua e horário em que o periódico havia sido finalizado para impressão.

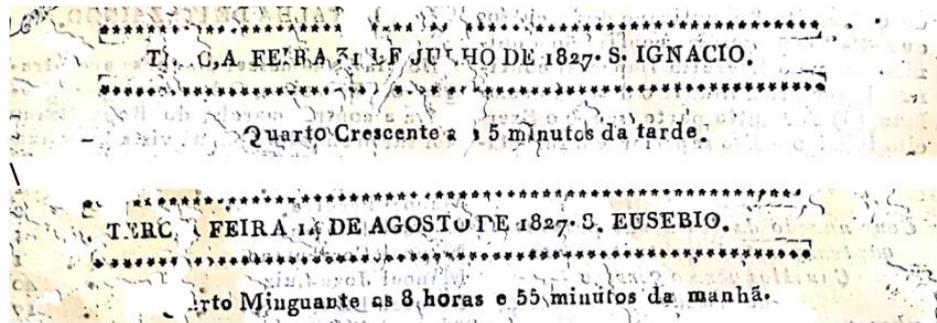


Figura 5: Exemplos de fôlio com indicação do santo do dia e horário de fechamento de edições do *Diário de Porto Alegre* em julho e agosto de 1827.

Em seu primeiro número, a folha publicou um texto de agradecimento àqueles que colaboraram para a compra da tipografia, que teria sido adquirida com o produto de contribuições de pessoas generosas (ERICKSEN, 1977, p. 17-18):

Fazendo-nos dignos de respeito e considerações todos aqueles que procuram promover a instrução pública, como o mais seguro modo de tornar os homens bons, e felizes; e sendo a imprensa o meio mais fácil de comunicação de pensamento, e o mais preferível de todos os métodos para os Povos adquirirem os conhecimentos, que são inerentes à sua prosperidade, por isso, expomos aos Rio-Grandenses os nomes daqueles, que ávidos de prosperidade pública contribuiram generosamente para a compra da Tipografia, que que ora se deve o presente Diário.

A análise de conteúdo do *Diário de Porto Alegre* teve como base o modelo proposto por Bardin (1977). Foram catalogadas todas as edições completas disponíveis para consulta no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Ao todo, foram analisadas 34 edições (Tabela 1) publicadas nos anos de 1827 e 1828.



7º ALCAR SUL_2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

ANO	DATA	ANO	DATA
1827	23 de junho, sabbado	1827	22 de agosto, quarta
1827	3 de julho, terça	1827	29 de agosto, quarta
1827	7 de julho, sabbado	1827	30 de agosto, quinta
1827	11 de julho, quarta	1827	31 de agosto, sexta
1827	12 de julho, quinta	1827	3 de setembro, segunda
1827	16 de julho, segunda	1827	4 de setembro, terça
1827	19 de julho, quinta	1827	5 de setembro, quarta
1827	26 de julho, quinta	1827	7 de setembro, sexta
1827	31 de julho, terça	1827	11 de setembro, terça
1827	2 de agosto, quinta	1827	12 de setembro, quarta
1827	3 de agosto, sexta	1827	17 de setembro, segunda
1827	4 de agosto, sabbado	1827	19 de setembro, quarta
1827	7 de agosto, terça	1827	22 de setembro, sabbado
1827	9 de agosto, quinta	1827	25 de setembro, terça
1827	11 de agosto, sabbado	1827	27 de setembro, quinta
1827	14 de agosto, terça	1828	11 de janeiro, sexta
1827	16 de agosto, quinta	1828	17 de janeiro, quinta

Tabela 1: Edições do *Diário de Porto Alegre* que compuseram o *corpus*

Observamos a distribuição dos textos em seções que se repetiam, a sua maioria, ao longo das edições. O uso de um título específico para um determinado texto não era comum, o usual era apenas um texto ou um conjunto relacionado organizado em torno de um tema ou finalidade (Fig. 6). As seções identificadas (Gráfico 1) são: *Vendas* (16), *Correspondencia* (14), *Declaraçoens* (9), *Entradas* (6), *Sahidas* (5), *Fugas* (3), *Perdas* (2), *Compras* (2), *Alugueis* (4), *Achados* (1), *Aviso* (2), Não informada (14), Outras (9). Estas últimas apareceram em apenas uma edição do *corpus* e são: *Boletim*, *Batalha de Ituzaingó*, *Soneto*, *Ode*, *Hynno Provincial*, *Noticias estrangeiras - Buenos Aires*, *Annuncio*, *Achados* e *Artigos de Officos - Cartas da lei*.

7º ALCAR SUL_2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

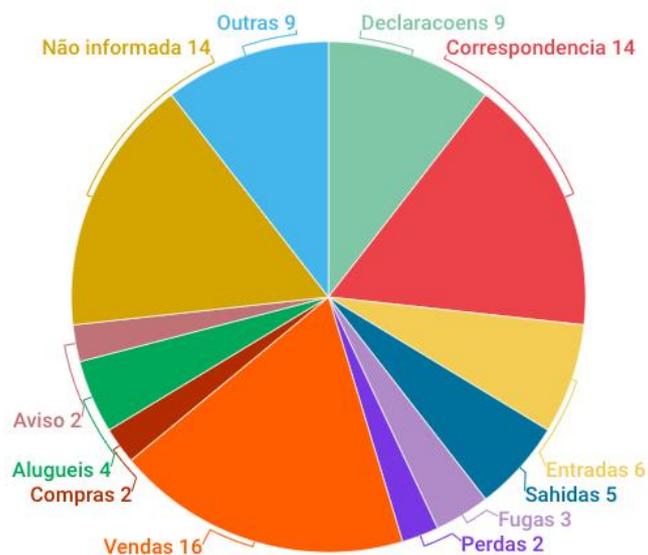


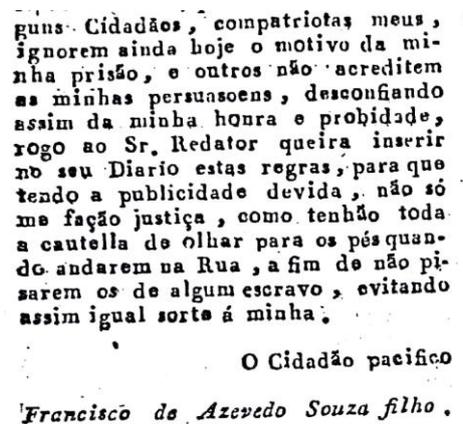
Gráfico 1: Seções do *Diário de Porto Alegre* identificadas no *corpus* analisado



Figura 6: Indicação gráfica das seções recorrentes e eventuais (outras) do jornal.

A seção mais recorrente é *Vendas* e reúne anúncios voltados ao comércio de imóveis, utensílios, livros e, muitos deles, de pessoas escravizadas. Estão também em destaque as *Declaraçoens*, que, quando aparecem, estão sempre na capa do periódico – trata-

se, de modo geral, da transcrição de ofícios assinados pelo presidente da Província ou a ele dirigidos – os nomes tanto do remetente quanto do destinatário da mensagem só aparecem no final do texto, como também observou Ribeiro (2012). A seção *Correspondencia* reúne cartas endereçadas ao redator do jornal, com assuntos diversos – na edição de 25 de setembro de 1827 (Fig. 7), por exemplo, foi publicada a carta de Francisco de Souza Filho, que se apresentava como *O cidadão pacífico*.



guns Cidadãos, compatriotas meus,
ignorem ainda hoje o motivo da mi-
nha prisão, e outros não acreditem
nas minhas persuasoens, desconfiando
assim da minha honra e probidade,
rogo ao Sr. Redator queira inserir
no seu Diário estas regras, para que
tendo a publicidade devida, não só
me fação justiça, como tenham toda
a cautella de olhar para os pés quan-
do andarem na Rua, a fim de não pi-
sarem os de algum escravo, evitando
assim igual sorte á minha.

O Cidadão pacífico
Francisco de Azevedo Souza filho.

Figura 7: Detalhe da seção *Correspondencia* edição de 25 de setembro de 1827.

O autor escreve para esclarecer os motivos que levaram a sua prisão por algumas horas – considerada, por ele, injusta. Em uma discussão de rua, Souza Filho teria dado um tapa no rosto de um “moleque” negro e escravizado: “Teria por acaso cometido crime para se me formar Summario? E em summa mereceria indigno tratamento, que se me deu em toda a extensão, por ter levemente pisado sem querer hum pé de um moleque captivo, repellindo-lhe com uma pequena bofetada o desaforo e a altivez com que publicamente me insultou?”. A carta não recebeu resposta da redação do jornal, mas a objetificação dos escravizados, como uma categoria inferior, que pode ser violentada, vendida, alugada e perseguida perpassa as diferentes seções do *Diário de Porto Alegre*.

As seções *Entradas* e *Sahidas* registram, em notas, as partidas e chegadas de embarcações nacionais e estrangeiras, assim como destacam os nomes de alguns passageiros e a carga. Em *Aluguéis*, assim como em *Vendas*, são publicados anúncios de imóveis, móveis e escravizados – os textos também são publicados pelos interessados em fazer a locação, como é o caso do anúncio publicado no dia 12 de julho de 1827 (Fig. 8): “Quem tiver hum escravo, ou escrava, que entenda alguma couza de cozinha, e queira alugar, dirija-se á Rua da Igreja N° 17 onde achará com quem tratar”.

7° ALCAR SUL_2018

7° Encontro Regional Sul de História da Mídia

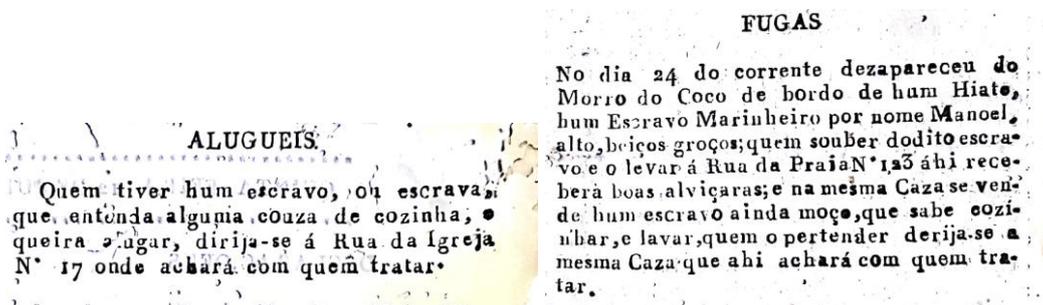


Figura 8: Detalhe da seção *Alugueis* da edição de 12 de julho de 1827 e da seção *Fugas* de 03 de julho de 1827.

As seções *Achados*, *Avisos*, *Compras*, *Fugas* e *Perdas* aparecem em menor número e reúnem pequenos anúncios comerciais (de produtos ou pessoas) e notas informativas, como é o caso de um aviso publicado no dia 22 de agosto de 1827, que registra a mudança de endereço do leitor Thomaz Ignácio da Silva. Em *Fugas*, são anunciados os escravos desaparecidos, como se vê na edição de 03 de julho de 1827 (Fig. 8): “No dia 24 do corrente dezapareceu no Morro do Coco de bordo de um Hiato, um Escravo Marinheiro por nome Manoel; alto; beiços grossos; quem souber do dito escravo e o levar á Rua da Praia N° 123 ahí receberá boas alviçaras”.

Ao longo das edições, encontram-se diferentes tipos de listas (Figura 9). São relações de pessoas que emprestavam gratuitamente cavalos, bois e carretas para o serviço do estado, assim como listas de assinantes, de subscrições voluntárias para despesas de guerra e de bens que seriam sorteados em um rifa.

7° ALCAR SUL_2018

7° Encontro Regional Sul de História da Mídia

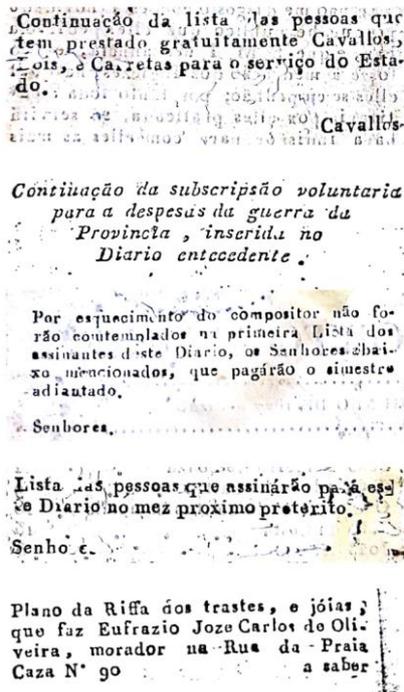


Figura 9: Detalhes da indicação de diferentes tipos de listas em edições que compuseram o *corpus*.

No caso dos cidadãos que emprestam animais para o estado, os citados são em sua maioria homens e alguns deles são figuras proeminentes da sociedade da época. As poucas mulheres mencionadas são viúvas e a maioria não tem seus nomes publicados, apenas os de seus falecidos maridos, como *A Viuva de Felipe Brancezo*, que consta na lista de 19 de julho de 1827. Os assinantes do jornal são relacionados em listas que trazem tanto aqueles que pagam o semestre adiantado quanto os que quitam a assinatura pelo período de uma semana.

Este mapeamento inicial dos conteúdos das edições possibilitou a aproximação pretendida com o objeto de pesquisa. A pesquisa bibliográfica foi fundamental para o levantamento das diferentes e conflitantes versões existentes sobre a gênese da imprensa no Rio Grande do Sul e a história do *Diário de Porto Alegre* – mesmo não sendo possível afirmar qual versão corresponde, enfim, à história do jornal. A observação das 34 edições disponíveis revelou um periódico de *perfil* oficial (embora não se possa assegurar que se tratava realmente de folha oficial), mas que também registrava o dia-a-dia da Província. Os ofícios, atos e relatos reunidos na seção *Declaraçoens* trazem informações sobre o governo, com especial destaque para os conflitos bélicos que tomavam conta da região à época. São textos ricos em informações e opiniões, mas ainda distantes da roupagem jornalística de uma notícia – seriam hoje considerados matéria-prima para notícias e reportagens. O cotidiano da



7º ALCAR SUL_2018

7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

sociedade escravagista também está presente, nos abundantes anúncios que negociam pessoas escravizadas como produtos e ao lado deles.

Considerações finais

O percurso percorrido até aqui permitiu a construção de apontamentos históricos sobre o *Diário de Porto Alegre*, em uma investigação que envolveu o contexto da década de 1820 na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a origem dos equipamentos utilizados para a composição e impressão do jornal, a primeira fase da imprensa local, a tipografia e os profissionais responsáveis pelo jornal, além de seu conteúdo. A próxima etapa da pesquisa consiste na continuidade da análise de conteúdo, em uma abordagem quantitativa dos gêneros textuais presentes e qualitativa dos temas abordados nos textos.

O *Diário de Porto Alegre* se aproxima das demais publicações do gênero que circularam na primeira metade do século XIX no Brasil, bastando citar o primeiro jornal editado no país, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, jornal oficial da corte de Dom João que sai diretamente dos prelos da Impressão Régia, mas que, como lembra Barbosa (2010, p. 22), também inclui informações de interesse mais amplo para o público a que se dirige.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil - 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.
- BARRETO, Abeillard. **Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1986.
- CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- COSTA FRANCO, Sérgio da. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- _____. **Porto Alegre: Guia histórico**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- DAMASCENO FERREIRA, Athos. **Palco, salão e picadeiro em Pôrto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: Globo, 1956.
- ERICKSEN, Nestor. **O sesquicentenário da imprensa rio-grandense**. Porto Alegre: Sulina, 1977.
- _____. **Apontamentos para a história da imprensa no Rio Grande do Sul / A imprensa do Rio Grande do Sul da abolição à República** (Separata dos anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia). Porto Alegre: Globo, 1940.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2000.



7º ALCAR SUL 2018
7º Encontro Regional Sul de História da Mídia

HOHLFELDT, Antonio; RAUSCH, Fábio. *A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1937: Discussão sobre critérios para uma periodização*. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, na Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2006. Disponível em: <goo.gl/SHZb65>. Acesso em: 07/10/2018.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **História de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MELLO, Bruno Cesar Eufhrasio de. *A cidade de Porto Alegre entre 1820 e 1890 – As transformações físicas da capital a partir das impressões dos viajantes estrangeiros*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <goo.gl/yLghNd>. Acesso em 25/09/2018.

PARANHOS, Paulo. *A Casa da Suplicação do Brasil*, s.d. Disponível em: <<https://goo.gl/ADZvpB>>. Acesso em: 25/09/2018.

REVERBEL, Carlos et al. **Enciclopédia Rio-Grandense**. Porto Alegre: Sulina, 1968.

_____; BONES, Elmar. **Luiz Rossetti: o editor sem rosto & outros aspectos da Imprensa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

RIBEIRO, Célia. **O jornalista farroupilha**. Porto Alegre: Libretos, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, Jandira; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Corag, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck - **História da imprensa no Brasil**, Rio de Janeiro, Graal. 1977.

VIANNA, Lourival. **Imprensa gaúcha (1827-1852)**. Porto Alegre: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (DAC-SEC), 1977.